

## “NOSSA ARMA AGORA É A VACINA!”: RELAÇÕES (E DESLOCAMENTOS) DE SENTIDOS SOBRE A VACINA DA COVID-19\*

Alberto Lopo Montalvão Neto (UNICAMP)

Flávia Novaes Moraes (UNICAMP)

Gustavo Gomes Siqueira da Rocha (UNIREDENTOR)

**Resumo:** desde o início de 2020 vivenciamos uma crise em decorrência de uma pandemia que ramifica-se em distintos âmbitos (sanitário, social, político, econômico, entre outros). Não obstante, observa-se que a gravidade desta crise acentua-se na medida em que ocorre a polarização e exacerbação de disputas em torno de diferentes pontos de vista nos contextos políticos nacionais, como por exemplo disputas sobre a relevância das vacinas, sendo que, por vezes, essas disputas culminam em distorções de cenas e cenários pré-existentes, ressignificando-os. Destarte, o presente estudo tem por objetivo compreender os possíveis efeitos de sentidos produzidos a partir da circulação de uma charge, que utiliza-se do personagem conhecido como “Zé Gotinha” para deslocar e volatilizar gestos de interpretação a respeito da vacina que visa o enfrentamento à COVID-19. Para tanto, nos filiamos aos pressupostos da Análise de Discurso pecheutiana, mobilizando noções e princípios como relações (e deslocamento) de sentido(s), relações de força, formação discursiva, condições de produção, entre outros. Nossos resultados apontam para o deslocamento de sentidos a partir da mobilização do “já-dito” para criar rupturas enunciativas, ressignificando e volatilizando questões (e discursos) referentes à vacina (e à vacinação) apontando para a dicotomia vida versus morte. Concluímos que a emergência de outros sentidos sobre a vacina se faz necessária em meio à busca de sujeitos políticos que possam se posicionar diante das controvérsias constantes e explícitas veiculadas na atualidade. Tal posicionamento possibilita uma movimentação no sentido de direcionar a população para compreensão sobre a vacina e a respeito da crise sociopolítica que vivenciamos.

**Palavras-chave:** vacina; Zé Gotinha; COVID-19; Análise de Discurso; charge.

### 1 Introdução

A vacina, como proposta imunizante e estratégia na prevenção de doenças, está presente na humanidade desde o século X, como, por exemplo, em relatos de seu uso rudimentar ocorrido na China (BIO-MANGUINHOS, 2016). No entanto, somente em 1796, houve o registro de sua descoberta pelo pesquisador Edward Jenner (BRASIL, 2019).

Questões sobre vacinas e o processo de vacinação se tornaram assuntos prevalentes, em circulação nas mídias como um todo, principalmente com o advento da pandemia do novo coronavírus COVID-19, causador da síndrome respiratória aguda SARS-CoV-2. O primeiro caso de COVID-19 no Brasil foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020 e, em 3 de março, havia 488 casos suspeitos notificados, sendo dois confirmados (CRODA; GARCIA, 2020). Com o avanço da doença no Brasil e no mundo, vários esforços para o incentivo ao desenvolvimento de uma vacina para a COVID-19 ocorreram.

Foram mais de 150 empresas farmacêuticas, pequenas empresas de biotecnologia e universidades, além de *spin offs* de empresas, que atuaram intensamente para que a vacina pudesse ser desenvolvida e liberada de forma rápida (FERRAZ, 2020). Com a liberação de

---

\* XV Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online



algumas vacinas no território nacional, a campanha de vacinação para a COVID-19 se iniciou em 19 de janeiro de 2021. Em um primeiro momento, dois tipos de vacinas foram usados, com prioridade para atender aos profissionais da saúde, idosos em ordem decrescente de idade e, posteriormente, passou a atender gradualmente os grupos de pessoas com características para enquadramento como caso prioritário (AGÊNCIA BRASIL, 2021).

Contudo, o processo de compra e liberação de vacinas no Brasil passou por uma série de entraves promovidos pelas instâncias governamentais. Tais entraves envolveram desde negociações que retardaram a chegada das vacinas no país e posicionamentos por parte de representantes do poder executivo que questionavam a validade e a importância das vacinas disponíveis, até a possibilidade de desvios financeiros em seu processo de compra<sup>2</sup>. Esse cenário provocou uma disparada incessante de informações, não somente de procedência científica, mas também em seus aspectos pouco precisos ou mesmo sob o caráter de notícias falsas, as chamadas “*fake news*” (MONTALVÃO NETO *et al.*, 2020). O alto volume de notícias, tanto de comprovação científica como de imprecisões, gerou uma instabilidade de sentidos entre as pessoas, bem como olhares distorcidos em relação ao papel das vacinas e do próprio processo de vacinação.

Nesse sentido, neste trabalho objetivamos analisar os possíveis efeitos de sentido produzidos a partir do deslocamento de sentidos decorrente da criação de uma charge (SILVA, 2016) que utiliza-se do personagem “Zé Gotinha”, armado com uma vacina, para representar a luta contra a COVID-19. Enquanto um texto multimodal (ROJO; MOURA, 2012), isto é, que agencia múltiplas linguagens de modo a construir a sua significação, para a análise desta charge serão mobilizados noções e princípios da Análise de Discurso (PÊCHEUX, 1990; ORLANDI, 2003), de modo a observar os deslocamentos discursivos que ocorrem na construção da charge enquanto um acontecimento discursivo.

## 2 Referencial teórico-metodológico

Cotejando refletir sobre discursos relacionados à vacina e ao processo de vacinação em meio à pandemia da COVID-19, mobilizamos noções e princípios da Análise de Discurso (AD) que teve em Michel Pêcheux, na França, um de seus principais precursores, e em Eni Orlandi, no Brasil, uma de suas principais estudiosas.

Na AD, o discurso é compreendido como “efeito de sentido entre interlocutores” (ORLANDI, 2003, PÊCHEUX, 1990). É por meio do discurso que materializa-se a ideologia e, conseqüentemente, “pela ideologia se naturaliza o que é produzido pela história” (ORLANDI, 1994, p. 57). Orlandi complementa que “a ideologia é interpretação de sentidos em certa direção, determinada pela relação da linguagem com a história, em seus mecanismos imaginários” (ORLANDI, 1994, p. 57). Nessa relação, “podemos procurar entender o modo como os textos produzem sentidos e a ideologia será então percebida como o processo de produção de um imaginário, isto é, produção de uma interpretação particular” (ORLANDI, 1996, p. 65).

Em outras palavras, ao colocar em questão as representações sociais que influenciam na produção de sentidos e que relacionam-se a uma instância imaginária, Orlandi (1994, 1996, 2003) aponta que, no discurso, marcam-se determinadas posições sociais (posição-sujeito),

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/corruptao-na-compra-de-vacinas-quem-e-quem-esquema/>. Acesso em: 23 ago. 2021.

hierárquicas, que constituem-se no limiar da história, e que, por isso, são posições às quais os sujeitos filiam-se para que possam enunciar, implicando assim em efeitos de sentidos distintos. Há, então, uma formação discursiva, ou seja, “aquilo que, numa conjuntura dada [...] determina o que pode e deve ser dito [...]” (PÊCHEUX, 1995, p. 160). Assim, a formação discursiva é um conjunto de dizeres (e discursos) necessários para que um determinado sujeito signifique. Um exemplo disso é a própria posição-cientista, pois, para ocupá-la (ou dizer a partir dela) não se pode dizer qualquer coisa. Há uma gama de dizeres, característicos, e que autorizam a quem a eles filiar-se.

É válido pontuar que, apesar da ação do interdiscurso comumente levar-nos a crer que a linguagem é transparente e que aquilo que falamos não poderia ser dito de outra forma, o dizer não possui origem no sujeito, mas é efeito da memória discursiva. É o “já-dito” que, relacionado a outros dizeres, permite o emergir e o (res)significar, apontando para o que Foucault (1996) compreende não como a criação do novo, mas como a retomada do mesmo sob outras formas.

Orlandi (2003) aponta que os efeitos de sentidos produzidos relacionam-se às condições de produção, em seu sentido estrito (imediato) ou amplo (histórico). Destarte, “a interpretação é sempre regida por condições de produção específicas que, no entanto, aparecem como universais, eternas” (ORLANDI, 1994, p. 57). Ademais, outros mecanismos da linguagem perpassam a produção de sentidos, tais como as relações de força, as relações de sentido e o mecanismo de antecipação. Resumidamente, para Orlandi (2003), todo sujeito é capaz de se colocar no lugar do outro, antecipando-se e regulando a sua argumentação de acordo com o que pensa que o ouvinte interpretará. Todo dizer tem relações com outro dizeres (relações de sentido) e, como dissemos, devido ao interdiscurso, o lugar a partir do qual o sujeito fala influenciará na produção de sentidos (relações de força).

Apesar dos efeitos da memória discursiva, há acontecimentos discursivos, ou seja, rupturas com enunciados que permitem filiações históricas e, conseqüentemente, a reformulação destes, indo de encontro ao parafrástico e abrindo margens para o deslocamento de sentidos, formulando sentidos outros que se inscrevem na história (PÊCHEUX, 1990). Considerando que forma e conteúdo são indissociáveis (ORLANDI, 2003), e que diferentes gestos de interpretação ao longo da pandemia da COVID-19 culminaram em rupturas e deslocamentos, neste texto refletimos sobre uma charge enquanto um acontecimento discursivo que produz efeitos de sentidos a partir da retomada/modificação do “já-dito”.

### 3 A charge enquanto gênero textual

Compreender uma charge implica relacionar a sua crítica a um fato contemporâneo (SILVA, 2016), que, no caso deste estudo, refere-se à campanha de vacinação contra a COVID-19. A construção do humor no gênero textual em questão se dá uma vez que:

[...] observamos haver uma situação atualizada pelo artista, na medida em que ele produz de forma risível, seja na maneira exacerbada do traço, na junção das formas de ridicularização visual e/ou linguístico discursiva ou na interface de ambos. (SILVA, 2016, p. 155).

Ainda segundo a autora, uma característica predominante nas charges é o seu teor irônico, sendo a ironia responsável pelo paradoxo de seus textos enquanto “uma mistura de riso e crítica” (SILVA, 2016, p. 156).

O linguista Sírio Possenti desenvolveu trabalhos que caracterizam-se como grandes contribuições aos estudos do humor, entendendo o recurso com o fato de que “permite dizer alguma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica [...]” (POSSENTI, 1998, p. 49). O autor também disserta que o humor não cria novos discursos, no entanto, explora “de forma específica discursos correntes [...]” (POSSENTI, 2010, p. 82)

Nesse contexto, é válido ressaltar que nosso objeto de análise, a charge, é um gênero textual multimodal (ROJO; MOURA, 2012, p. 19), isto é, caracteriza-se como um texto que é composto por múltiplas linguagens, cuja compreensão demanda capacidades em cada uma delas de modo a construir a significação.

Silva (2016, p. 157) propõe uma série de características que precisam ser observadas em uma charge, tendo em vista seu entendimento. Algumas dessas características são:

sujeito-político representado na caricatura; do cenário compreendido como não verbal; contexto linguístico expresso na charge, ainda que com relações extralinguísticas, contexto sócio-histórico-político que envolve a charge; dos mecanismos do humor, isto é, o “gatilho” que dispara o humor; da percepção de recursos argumentativos que contribuíam para a construção do humor; de recursos não verbais, também de cunho argumentativo e da crítica política explícita na charge.

Considerando que a materialidade analisada possui muitos dos elementos mencionados pelo autor, principalmente por se tratar de um texto multimodal (associação de imagens e de um texto - *twitte*) de caráter político e sócio-historicamente localizado, a caracterizamos como charge e buscamos compreender os elementos que o compõem.

#### 4 Algumas análises

Conforme exposto na Figura 1, a charge (SILVA, 2016) mostra o personagem “Zé Gotinha”, símbolo de campanhas de vacinação no Brasil, segurando uma seringa como se representasse um fuzil. A imagem foi postada no dia 12 de março de 2021 no *Twitter* pessoal do deputado federal Eduardo Bolsonaro<sup>3</sup>, filho do atual presidente da República, Jair Bolsonaro. Na legenda foi utilizada a seguinte frase: “*Nossa arma é a vacina*”. Vale ressaltar que a charge foi uma resposta a declaração do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva proferida no dia 10 de março de 2021<sup>4</sup>, que afirmou que Jair Bolsonaro teria abandonado a figura do “Zé Gotinha” por associá-lo a um partido político.

---

<sup>3</sup> Eduardo Bolsonaro postou a charge no *Twitter*. Disponível em: <https://www.sbtnews.com.br/noticia/congresso/163192-eduardo-bolsonaro-posta-desenho-de-ze-gotinha-armado-com-vacina>. Acesso em: 18 ago. 2021.

<sup>4</sup> No discurso, o ex-presidente critica o incentivo a compra de armas e o atraso da vacinação no Brasil. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/10/leia-a-integra-do-primeiro-discurso-de-lula-apos-anulacao-de-condenacoes-da-lava-jato>. Acesso em: 08 set. 2021.



Figura 1: Charge postada por Eduardo Bolsonaro sob o título “Nossa arma agora é a vacina”. Fonte: <https://www.terra.com.br/diversao/gente/criador-do-ze-gotinha-se-diz-horrorizado-com-versao-armada-dos-bolsonaro,9c67e1b4084fd8cf7c3ea298afca1a0age19mgcq.html>. Acesso em: 23 ago. 2021.

Elementos imagéticos aliados aos textuais entoam o deslocamento discursivo em meio ao jogo político. Conforme mencionamos com Orlandi (1994, 1996, 2003), e como aponta Pêcheux (1997), existe no imaginário social a imagem de determinadas posições. Pelo efeito do interdiscurso, é a partir dessas posições que o sujeito, ao filiar-se a elas, enuncia, bem como produz gestos de interpretação. É nessa relação que a charge exposta direciona a produção de determinados efeitos de sentido sobre a vacina/vacinação.

Por exemplo, há elementos relacionados ao discurso de guerra (ou discurso bélico), a partir dos quais determinadas características são associadas a essa formação discursiva, estando entre elas o porte de armas, temática muito discutida na gestão governamental atual. Outro ponto que se tornou latente na imagem está muito associado ao militarismo através da posição-patriota, que historicamente é representada pela bandeira nacional e que está sendo utilizada como uma capa fazendo alusão à figura heroica. Nesse contexto, o personagem “Zé Gotinha”, que, no imaginário social do povo brasileiro associa-se às campanhas de vacinação ao longo de décadas, ao ser revestido por uma bandeira tal como uma capa de super-herói e ao segurar um fuzil, faz clara alusão às forças armadas. Ou seja, reforça há a ideia de que o herói usa armas e, nesse caso, isso faz um paralelo com a vacina como sendo heroica na “morte” do vírus.

O discurso militarista reafirma-se no enunciado “*Nossa arma é a vacina*”. Dialogando com elementos imagéticos que mobilizam gestos de leitura característicos, sobre a charge em questão, se faz necessário refletir a respeito de suas condições de produção, principalmente em seu sentido amplo, ou seja, em relação às questões históricas em que os discursos que a atravessam constituem-se, são produzidos e circulam (ORLANDI, 2003) em diferentes meios, principalmente na internet.

Nessa relação, é preciso considerar que a ideologia, ao materializar-se por meio da linguagem, leva à construção de relações de sentido (e de força) que convergem com os campos das disputas políticas atuais. Fato é que Jair Bolsonaro tem em seu histórico a questão de ser um militar reformado, e que, em busca de distanciar-se (e “combater”) discursivamente de um

de seus principais rivais políticos, o ex-presidente Lula<sup>5</sup>, suas narrativas filiam-se às formações discursivas deste gênero. Outrossim, alicerçados nas narrativas de seu progenitor, Eduardo Bolsonaro, ao fazer emergir a charge, provoca deslocamentos de sentidos, principalmente ao dar outra roupagem ao clássico personagem “Zé Gotinha”. Trata-se, portanto, de um acontecimento discursivo (PÊCHEUX, 1990), visto que ocorre uma ruptura com certas filiações históricas ao passo que enunciados são reformulados, permitindo a inscrição de outros sentidos. Em outras palavras, há o retorno de elementos que estão no imaginário social dos brasileiros como efeito da memória discursiva (já-dito), mas que são ressignificados em outros dizeres.

Todavia, é válido considerar que aqui levamos em conta que, em meio à pandemia da COVID-19, esse tipo de deslocamento de sentidos leva tanto a discursivos impositivos, que materializam as relações de força perpetradas pelo atual governo (discursos hegemônicos), quanto permitem a emergência de discursos contra-hegemônicos, ou seja, de formas de resistência. Dizemos isso pelo fato de que o *post* da charge em questão numa rede social gerou polêmica e revolta em muitos internautas, chamando a atenção, inclusive, do idealizador do personagem, Darlan Rosa, artista plástico que criou o Zé Gotinha em 1986 durante o governo de José Sarney<sup>6</sup>.

Nas palavras do artista: “*O Zé Gotinha é um personagem do bem, criado com fins educativos. Colocá-lo com uma arma na mão é um péssimo exemplo que se pode dar a uma criança. Apologia de arma é coisa séria*”. Nesse sentido, podemos dizer que a charge evidencia um caráter controverso, favorecendo a volatilização de sentidos, aliada ao distanciamento da realidade e da materialidade histórica sobre o papel da vacina. Tal como apontam Moraes, Montalvão Neto e Morais (2021), há uma falta de materialidade histórica nas questões que relacionam-se às vacinas, principalmente no que toca aos aspectos (e termos) biotecnológicos, por vezes empregados na produção de algumas delas.

Todavia, outros sentidos podem ser produzidos a partir da interação entre texto (charge) e leitor (internautas que tiveram acesso ao conteúdo). Por exemplo, a figura promove o papel do armamento enquanto salvação, ou seja, de luta contra a COVID-19, num momento em que a população encontra-se fragilizada pelos altos índices de mortes ocasionadas pelo vírus. Dessa forma, pode-se encarar o armamento de “Zé Gotinha”, símbolo da vacinação, como uma forma de filiar-se a discursos de saúde existentes, ou seja, ao fato de que há muito considera-se que as vacinas salvam vidas. Esta seria uma das interpretações mais imediatas, porém, apontamos primeiramente o jogo político para caracterizar a filiação a redes de sentidos que convergem com um cenário de disputas pelo poder, o qual temos vivenciado nos últimos anos.

Numa relação, podemos dizer ainda que o núcleo central da charge pode estar na antítese: vacina = saúde e vida / arma = morte. Em outras palavras, ao serem deslocados sentidos, cria-se uma contradição, a partir da qual elementos associados a imaginários distintos (vida *versus* morte) são mobilizados para um mesmo fim: o de representar a luta contra a COVID-19 por meio da vacina. A vacina nesta imagem se apresenta com uma significação de vida, de modo que, ao promover a imunização da população e uma consequente queda nos

<sup>5</sup> Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-13/bolsonaro-pro-vacina-busca-se-reaproximar-da-cupula-empresarial-apos-ser-acuado-por-lula.html>. Acesso em: 18 ago. 2021.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/eduardo-bolsonaro-posta-charge-de-ze-gotinha-miliciano-e-e-detonado-na-web/> Acesso em: 18 ago. 2021

índices de mortes ocasionados pela doença, traz a possibilidade de vida. Já o fato da seringa que contém a vacina estar sendo empunhada como arma, traz a significação da vacina que tem o papel de matar (o vírus), instaurando, desse modo, a seguinte controvérsia: a vacina que traz vida, mas que também traz morte. No entanto, se faz necessário salientar que a alusão a vacina como arma que irá matar o vírus COVID-19 representa uma significação errônea e imprecisa do papel da vacina, que se destaca por fortalecer o organismo humano no combate ao vírus e não atua como instrumento letal do mesmo.

Do ponto de vista da figura do patriota heroico que usa a arma-seringa, é importante ponderar que esse discurso bélico é comum a ambos os lados (oposição e situação política), e que, no caso mais específico da posição ocupada pelo pai de Eduardo Bolsonaro, leva à compreensão de gestos de interpretação particulares, principalmente pelo fato de associar-se a determinadas formações discursivas devido à posição ocupada pelo sujeito (Jair Bolsonaro), que aponta para direcionamentos de sentidos que deslocam o significado inicial do texto (charge) e que direciona para uma afirmação da figura do cidadão armado.

Cabe pontuar que esse movimento busca não apenas deslocar sentidos da/sobre a vacina, como também demarcar a transparência da linguagem em busca de produzir sentidos unívocos. Todavia, para além das condições de produção históricas que permitem o emergir do enunciado (ressignificado), é necessário ressaltar que a mobilização desses discursos ocorre mediante a busca por uma (re)afirmação de um governo que, até então, era francamente negacionista, indo contra as questões advindas da Ciência e negando, inclusive, os efeitos devastadores do coronavírus e a própria eficácia da vacina<sup>7</sup>. Essa nova “estratégia de guerra” se dá em meio à ameaça e pressões políticas que o governo bolsonarista sofre por distintos setores da sociedade, seja por outras figuras políticas, seja por meio de manifestações populares<sup>8</sup>.

Por fim, ressaltamos que a imagem não apenas representa uma controvérsia (socio) política e científica, como favorece a volatilização de sentidos<sup>9</sup>, aliada ao distanciamento da realidade e da materialidade histórica sobre o papel da vacina. Neste ínterim, podemos dizer que a dispersão de sentidos, ocasionada pelo acontecimento discursivo em questão, faz com que, assim como a vacinação surja como a salvação diante de uma crise sanitária (e social), ela também coloca-se como armamento para a área da saúde e como arma política e, porque não, ideológica, na disputa pelo simbólico, ou seja, na busca por criar outras representações a respeito das redes de sentidos que ali são mobilizadas. Assim, há a busca por controlar interpretações da população com determinadas finalidades governamentais.

## 5 Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo analisar um acontecimento discursivo: a produção e circulação da charge do “Zé Gotinha” recentemente veiculada por Eduardo Bolsonaro; considerando nessa relação analítica as condições de produção históricas nas quais ela se insere: a crise social, política e sanitária ocasionada pela pandemia da COVID-19.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/17/bolsonaro-diz-que-contaminacao-e-mais-eficaz-que-vacina-estrategia-pode-levar-a-morte-diz-sanitarista.ghtml>. Acesso em: 24 ago. 2021.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.gazetadigital.com.br/editorias/politica-de-mt/com-governo-pressionado-manifestantes-vo-s-ruas-em-cuiab-por-impeachment-de-bolsonaro/659321>. Acesso em: 24 ago. 2021.

<sup>9</sup> Referência à fala proferida por Eni Orlandi em 2020, “Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia”, no canal de Youtube da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MjCsJxfiXtg&t=1228s>. Acesso em: 24 ago. 2021.

Por meio desse gesto de interpretação, compreendemos que os discursos que perpassam a construção da charge no *Twitter*, e o consequente deslocamento de elementos textuais e imagéticos pertencentes a outras formações discursivas, apontam para a produção de efeitos de sentidos que relacionam-se às questões políticas que atravessam a nação na atualidade, principalmente no que relaciona-se ao atual governo, que, frequentemente, filia-se aos discursos bélicos, de guerra e militaristas para empregar estratégias por meio de relações de força materializadas nas posições assumidas por sujeitos no jogo enunciativo político.

A ruptura com o processo de significação histórica de determinados elementos conhecidos, ou seja, o “já-dito” (o personagem Zé gotinha, a vacina, a arma, a bandeira do Brasil) demonstra um anseio, por parte do sujeito que enuncia, em validar as suas ideias (e ideais), contrapondo outros discursos, numa busca por reafirmação política e direcionamento de sentidos dos interlocutores (a população). Todavia, em meio à construção de outras representações, ao romper com enunciados outrora estabilizados, ocorre também um esvaziamento de sentidos, a partir da volatilização e dispersão do próprio significado e da importância da vacina.

Por fim, apontamos para a necessidade de outros estudos, com diferentes referenciais teóricos e/ou metodológicos, que possam se debruçar sobre as questões discursivas que perpassam os diferentes posicionamentos que circulam em distintos setores sociais durante a crise ocasionada pela pandemia da COVID-19. Acreditamos que tais olhares possam colaborar não apenas para a compreensão de questões contemporâneas relativas ao cenário sanitário, social e político, como também podem auxiliar no entendimento dos caminhos históricos que nos levaram à mencionada crise sociopolítica, apontando para possibilidades de superação em cenários pós-pandêmicos. Considerando as limitações da análise de uma única materialidade (charge), acreditamos que este estudo contribui com a pesquisa em Ciências Humanas ao lançar olhares para um acontecimento discursivo que nos afeta diretamente na atualidade.

## Referências

AGÊNCIA BRASIL. **Vacinação contra a covid-19 começa em todo o país**. 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-01/vacinacao-contracovid-19-comeca-em-todo-o-pais>> Acesso em: 31 maio 2021.

BIO-MANGUINHOS. **Vacinas: as origens, a importância e os novos debates sobre seu uso**. 2016. Disponível em: <<https://www.bio.fiocruz.br/index.php/noticias/1263-vacinas-as-origens-a-importancia-e-os-novos-debates-sobre-seu-uso>> Acesso em: 03 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Personalidades - Edward Jenner. **Revista da Vacina**. 2019. Disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/revolta/personas/jenner.html>> Acesso em: 07 set. 2021.

CRODA, J. H. R.; GARCIA, L. P. Resposta imediata da Vigilância em Saúde à epidemia da COVID-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, n. 1, 2020.

- FERRAZ, L. G. W. **Vacinas baseadas em DNA para prevenção da COVID-19: Mecanismo de ação, ensaios clínicos e pedidos de patentes.** Brasília - DF: Ministério da Economia. Instituto Nacional da Propriedade Industrial, Observatório de Tecnologias Associadas à Covid-19, 2020.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- MONTALVÃO NETO, A. L.; ROCHA, G. G. S.; SIMAS FILHO, J. P.; MACHADO, R. Ciência, fake news e pós-verdades: a produção de efeitos de verdade em tempos de pandemia. *In: XV Congresso Internacional de Linguagem Online (CILTec-ONLINE)*, 14.,2020, Belo Horizonte. **Anais...** Texto Livre: Belo Horizonte, 2020. p. 1-8.
- MORAES, F. N.; MONTALVÃO NETO, A. L.; MORAIS, W. R. O não-lugar da biotecnologia e a pandemia da Covid-19 no Brasil. **Gláuks - Revista De Letras E Artes**, v. 21, n. 01, p. 303-326, 2021.
- ORLANDI, E. P. Discurso imaginário, social e conhecimento. **Em aberto**, Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994.
- ORLANDI, E. P. **Interpretação** – autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** Campinas: Pontes, 2003.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Campinas: Pontes Editores, 1990.
- PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (1969). *In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.* 2 ed., Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- POSSENTI, S. **Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas.** Campinas: Mercado de letras, 1998.
- POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso.** São Paulo: Contexto, 2010.
- ROJO, R. H. R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- SILVA, P. C. D. Estratégias de humor crítico na produção de charges políticas e contribuições para o ensino de gêneros textuais e discursivos. **Research, Society and Development**, v. 2, n. 2, p. 151-161, 2016.

